

FRAGMENTOS DE UMA POÉTICA VERBIVOCOVISUAL NÃO NACIONAL *

Jorge Wolff
UNISUL

Pierre Menard resulta de um ser híbrido, mistura de Stéphane Mallarmé e de Jorge Luis Borges, segundo Silviano Santiago em torno de 1970:

Pierre Menard, romancista e poeta simbolista, mas também leitor infatigável, devorador de livros, será a metáfora ideal para bem precisar a situação e o papel do escritor latino-americano, vivendo entre a assimilação do modelo original, isto é, entre o amor e o respeito pelo já-escrito, e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue.¹

*

Diante dessa espécie rara de canibal, deve-se perguntar, já que se trata do ponto de partida (e de chegada): que espécie de antropófagos devoravam-se na Argentina, naquele momento, senão seus novos críticos, como aqueles reunidos em torno do projeto, dos projetos da revista *Los Libros*? Sua intersecção fundamental, assim como aquela de Santiago – ou Leyla Perrone-Moisés, ou Haroldo de Campos – no Brasil, se dá no período com os militantes da chamada teoria crítica francesa, denominados, problematicamente, *telquelianos* – voluntariosos manifestantes da diferença no terreno da cultura e da política, isto é, do pensamento 68 em uma de suas vertentes mais polêmicas e atuantes, aquela do terror teórico e da dissidência, seja do surrealismo, seja do Partido Comunista Francês, ou conforme os termos de um tardio libelo de Julia Kristeva nas páginas da revista.²

De modo que é preciso perguntar: qual o mito ou quais os mitos do *telquelismo* em sua constituição – através das mais diversas apropriações teóricas –, em sua expansão e também em seu declínio?

*

Era preciso buscar as ruínas da destruição de um conceito “idealista” e de transparência ambígua, segundo a última vanguarda francesa: o mito da linguagem vista enquanto presença. Visão que, mais tarde, será considerada convencionalista ao extremo – “au sens où elle s’est opposée à toute conception référentielle de la fiction littéraire”³ –, ao que não se deveria esquecer de retrucar que se tinha consciência disso, como no caso de Roland Barthes.⁴

É preciso criticar as ambições de ruptura e os limites da prática de um intelectual dissidente, que perpassam o ideário telqueliano – posto que havia chegado a hora – e analisar de que forma essas pedras-de-toque se manifestam em certas figuras, cujo nome são muitos nomes, com base em uma determinada noção de sujeito, vale dizer, à *la Menard*.

* O ensaio aborda as idéias e os posicionamentos de grupos e periódicos culturais franceses, argentinos, brasileiros e norte-americanos dos anos 60 e 70, e faz parte do primeiro capítulo da tese *Telquelismos latino-americanos. A teoria crítica francesa no entrelugar dos trópicos*. Pós- Graduação em Literatura, UFSC, 2002.

¹ Santiago, S., “O entrelugar do discurso latino-americano”, *Uma literatura nos trópicos*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 23 (1ª ed. 1978).

² V. Kristeva, J., “Un nouveau type d’intellectuel: le dissident”, *Tel Quel* n° 74, Paris, hiver 1977, pp. 3-8.

³ Compagnon, A., *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*, Paris: Seuil, 1998, p. 114.

⁴ V., p. ex., Culler, J., *As idéias de Barthes*, São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

⁵ O que define um “grupo”? Piglia, *après coup*, oferece uma idéia irônica do que, para ele, não o seria: “O último grupo literário de que fiz parte foi o da revista *El traje del fantasma*, que editamos (1985-1988) com Juan José Saer e Juan Carlos Martini. Não sei se uma revista que só publicava necrológios e panfletos é suficiente para formar um grupo”. Cf. “Retrato pessoal”, *O laboratório do escritor*, São Paulo: Iluminuras, 1994, p. 47 (originalmente em *Babel*, Buenos Aires, dez. 1990). Antecipo aqui (mais) um paradoxo: quando *Los Libros* se torna um grupo fechado, a partir de 73, pouco publica além de panfletos e necrológios.

⁶ Conferência “La literatura en la esfera pública”. Colóquio da Abralic, UFMG, Belo Horizonte, 3 ago. 2001.

⁷ Cf. Gilman, C., Cap. II: “El protagonismo de los intelectuales y la agenda cultural”, *Entre el fusil y la palabra: dilemas de la literatura revolucionaria*, Buenos Aires: Sudamericana, 2003.

⁸ Greco y Bario, A., “La operación Tel Quel y la alucinación según la Escuela de Frankfurt”. *Radar/Página* 12, Buenos Aires, 3 mayo 1998, p. 7.

*

Existem infinitas leituras da problemática proposta pelo grupo *Tel Quel* (futuramente *L’Infini*), que entendia elaborar sistematicamente uma teoria e uma prática revolucionárias da escritura mas que, para os adversários, não poderia sequer se caracterizar como um grupo.⁵ Com a abordagem de algumas delas, remeto às figuras e problemas em foco e, ao mesmo tempo, delinheio e informo minha própria leitura, assim como o fazem os conceitos de texto e teoria, sujeito e dissidência, que tangenciam esta mescla de relatos desencadeada por dois deles em particular, eleitos em função de uma certa cartografia contemporânea – a América do Norte em 1973, a América do Sul em 1998, digamos.

Parto, portanto, de uma versão argentina do “fenômeno”, uma vez que se trata de um ataque frontal, de uma interpretação hipercrítica, próxima no tempo e no espaço, além de bastante sugestiva ao refletir sobre o tema pelo viés dos câmbios provocados pela explosão da cultura e dos meios de massa precisamente em torno de 1970. Com isso, entre o conceitual e o anedótico, trato de introduzir a série de problemas recorrentes no decurso de sua grande guerra discursiva. Problemas estes incitados sobretudo pelas frequentes mutações político-ideológicas, características da longa trajetória de sua “refinadíssima revista” (no dizer de Beatriz Sarlo),⁶ sobre um certo e permanente substrato de literatura.

*

“En un movimiento progresivo, que alcanzó entonces su culminación cuantitativa en los años sesenta, artistas y letrados se apropiaron del espacio público como tribuna desde la cual dirigirse a la sociedad, es decir, se convirtieron en intelectuales”. Claudia Gilman⁷

*

Em um artigo publicado por um jornal de Buenos Aires aos trinta anos de Maio de 68, Alfredo Grieco y Bario vê o que chama de “operación *Tel Quel*” enquanto uma capitalização desabusada e oportunista da insurreição parisiense por parte de intelectuais “desbordados”, cujas teorias “monumentais” se viram surpreendidas pelos acontecimentos, que não teriam conseguido antever e que tratariam de reverter a partir de então em proveito próprio.⁸ Note-se que o texto é disparado com uma referência tão solta quanto objetiva à metodologia do sociólogo Pierre Bourdieu, ilustre e feroz inimigo da “operação” (a quem remeto adiante), o que permite situar desde já alguns dos principais contendores desta intriga de *partis pris* e de idéias-força.

A operação teria sido desencadeada, segundo o articulista, com a publicação, em fins de 68, da *Théorie d’ensemble*, a antologia manifestária que melhor define o chamado telquelismo no período em que exerce grande influência intelectual, até digamos o declínio de uma certa imagem do império maoísta, construída em torno de uma determinada teoria e de uma suposta prática de revolução cultural. “El de *Tel Quel* es tal vez el mejor ejemplo de un grupo que fue catapultado a la fama, por los acontecimientos de mayo”, acusa Grieco y Bario, com evidente vontade de polemizar, à maneira do líder do grupo visado:

Apropiarse del Mayo Francés permitía a *Tel Quel* aprovechar mejor que ningún otro grupo de izquierda una situación de tránsito que ha caracterizado a la

cultura gala: el pasaje de la imprenta a la televisión, de escritores a celebridades; la transformación de volúmenes filosóficos y novelas en talk-shows (o en pretextos para talk-shows), de los movimientos literarios en modas culturales, de las obras maestras desconocidas en nombres famosos.

Duas observações pontuais: primeiro, o sociólogo argentino apresenta a transição vivida à época como se fosse exclusividade da “cultura gala”; e, segundo, todo polemista é ele mesmo um tipo de oportunista, ao desejar antes de mais nada *esquentar* o que enuncia, como se pretendesse publicar antes de escrever, conforme o aforismo de Osvaldo Lamborghini. Para este fim, o autor argumenta que a operação consistiu em relacionar ou confundir, em seus termos, o pensamento então dominante – o estruturalismo – com a insurreição, transformando-os assim na própria definição de “Pensamento 68”, em detrimento da “filosofia da consciência” e em contradição com um movimento que, como diz de modo revelador (já que representa um lugar comum), privilegia “las estructuras sobre la historia, lo frío sobre lo caliente”. Apesar do caráter determinista da argumentação, a crítica ganha alguma pertinência ao atacar a junção de materialismo histórico com “un ahora sospechoso materialismo semántico”, proposta pela vanguarda telqueliana, que em torno de 69 se volta de modo religioso à figura de Mao Tse-tung e seu credo particular, em nome de uma retórica da revolução não apenas cultural mas também permanente ou infinita.⁹

*

“Não que os estudantes tenham provocado as posições revolucionárias dos intelectuais, mas estas se incendiaram com o estopim universitário”. Leyla Perrone-Moisés¹⁰

*

Conforme implica ou impõe (mais que propõe) o seu sugestivo título – “La operación Tel Quel y la *alucinación* segundo la Escuela de Frankfurt” –, a segunda parte do artigo de Grieco y Bario analisa a relação não menos complexa dos frankfurtianos com o movimento desatado pelos estudantes franceses. Enquanto Herbert Marcuse, um *best-seller* entre os revoltosos, não deixaria de apoiá-los nos Estados Unidos de forma incondicional, são por outro lado bem conhecidas as posições categoricamente negativas adotadas à época por Adorno e Habermas. Amparado na racionalidade liberal, Habermas referiu-se à “confusión ininteligible” (no castelhano de nosso redundante crítico) entre tomada de poder de fato e invasão de universidades, confusão que do ponto de vista clínico corresponderia a “estados alucinatorios” – expressão que remete ao estado “absolutamente psicótico” apontado por Beatriz Sarlo, ao tentar definir o comportamento do grupo maoísta que monopoliza despoticamente a revista *Los Libros* – ao qual estava ela mesma ligada – a partir do nº 29, durante o seu terceiro ano de existência, até o fim, com a ditadura militar implantada em 76.

Já o *infinito* aclimatado começaria, de certo modo, em 1978 com *Punto de Vista* – embora o *infinito* aclimatado não seja obviamente *L’Infini*.

*

⁹ Na *Histoire de Tel Quel* devida a Philippe Forest (Paris: Seuil, 1995), talvez o principal membro da sempre ativa *claque* de Philippe Sollers, a versão naturalmente é outra. Forest pretende fazer ali uma revelação: os telquelianos, apesar de ainda ligados ao PCF em 68, desde muito antes e em segredo, já teriam se definido como pró-chineses...

¹⁰ “Os intelectuais e a revolução cultural”. *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 10 ago. 1968, p. 1.

¹¹ Segundo texto de *Contrafogos. Táticas para enfrentar a invasão neoliberal* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 21-23), o artigo data de janeiro de 1995.

¹² Dosse, F., *História do estruturalismo*, vol. 2, São Paulo/Campinas: Ensaio/Ed. da Unicamp, 1994, p. 192.

¹³ Conforme observa Forest, a americana não só esteve presente entre o público, mas fez intervenções nos debates (*Histoire de Tel Quel*, op. cit., p. 438).

Em 1983, *Tel Quel* vira em definitivo à direita com *L'Infini*.

*

Com o auxílio do crítico e da crítica argentina, todos caminhos levam a Pierre Bourdieu, autor de, entre muitos outros, *Contrafogos*, polemista ele próprio, tanto quanto Sollers, conforme bem o demonstra, por exemplo, em "Sollers tel quel", um pequeno panfleto aparecido no *Libération* em 1995 (ano de resgate acadêmico e editorial do telquelismo), em resposta a um artigo no *L'Express* em que Sollers reafirmava seu apoio a um político conservador.¹¹

Para um irado e ao mesmo tempo satisfeito Bourdieu, "na confissão de um título, 'Balladur tel quel', condensado em alta densidade simbólica, quase bom demais para ser verdade", se revelaria "toda uma trajetória: da revista *Tel Quel* a Balladur, da vanguarda literária (e política) fajuta até a retaguarda política autêntica". Prosseguindo até o fim com esse gênero de vocabulário peso-pesado, o eminente sociólogo acusa o líder do suposto movimento de saber apenas "macaquear gestos do grande escritor, e até fazer imperar, durante *um momento*, o terror nas letras".

*

Registre-se a oportunidade de enfatizar esse *momento*, proporcionada pelo sociólogo francês em seu ataque, uma vez que aponta com precisão para a execução e a voga da "operação telqueliana", nos termos de um discípulo sul-americano, a quem em nada soaria insólita a associação proposta por Bourdieu entre o diretor de *Tel Quel* – e hoje *L'Infini* – e o finado François Mitterrand – "o equivalente em política, e ainda mais em matéria de socialismo, do que Sollers foi para a literatura, e ainda mais para a vanguarda".

A noção de *momento* no sentido de paradigma permite remeter ao estruturalismo e ao telquelismo, tomados como os dois lados de uma só moeda – falsa, diriam seus mais polidos detratores. Considerados justamente os poderes do falso, além da dinamização do banquete estrutural a partir dos idos de 67, importa distinguir o momento estruturalista – conforme o vê, por exemplo, o historiador François Dosse¹² – e o momento telqueliano que o enxertaria (não se tratando de sucessão ou evolução), levando-se portanto em conta que este inclui e exclui simultaneamente aquele, e vice-versa.

*

O telquelismo, ainda que sem tal denominação, também passa a circular, e a peso de ouro, nas universidades norte-americanas a partir de 1966, sobretudo após o célebre colóquio de Baltimore, na Universidade Johns Hopkins, reunindo Jacques Lacan, Roland Barthes e Jacques Derrida, entre muitos outros. A escala de seu consumo é, portanto, intensa desde os primeiros anos, e o ensaio "*Tel Quel. Text & Revolution*" (1973) de Mary Ann Caws é uma diminuta mas sintomática amostra de sua recepção – com os detalhes (dísparos mas significativos) de que (i) a autora foi testemunha ocular¹³ do Colóquio de Cerisy-la-Salle dedicado a Artaud e Bataille, em julho de 72; (ii) a noção de telquelismo, talvez antes mesmo de existir, seria logo sobrepujada por uma atualização da idéia de desconstrução sob a responsabilidade de Derrida, a partir da filosofia heideggeriana; e (iii) o mesmo Derrida passa a ministrar um seminário anual disputadíssimo na Universidade de Yale a partir desse mesmo ano de 73.

De modo que, para uma abordagem mais "gramatológica" do momento telqueliano, sucedendo àquela dogmática, funcionalista

mas não menos sugestiva de Grieco y Bario, lanço mão desta precoce leitura norte-americana do grupo ou da “operação” homônima – em um país em que tais apropriações abundariam das formas mais banais às mais sofisticadas, revelando-se, no entanto, umas e outras, como prática teórica ou meramente mercadológica, invariavelmente lucrativas. Finalmente, remeto à própria *Teoria de conjunto*, especialmente ao que ela deve a Derrida ou, em outras palavras, de acordo com a sua apropriação peculiar da filosofia “das desconstruções”.¹⁴

*

“Para nós não é nova a idéia da ‘desconstrução’ do orgulhoso logocentrismo ocidental, europeu, à maneira preconizada por Derrida, uma vez que já tínhamos a antropofagia oswaldiana, que é, por si mesma, uma forma ‘brutalista’ de ‘desconstrução’, sob a espécie da devoração, da deglutição crítica do legado cultural universal”. Haroldo de Campos¹⁵

*

O texto introdutório da operação telqueliana nos Estados Unidos é antes um testemunho sobre o debate pós-estruturalista francês *in loco*, embora se apresente sob a forma de uma resenha de três livros ensaísticos – *Semiotiké* (1969) de Julia Kristeva, *L’Enseignement de la peinture* de Marcelin Pleyne (1971) e *Logiques* (1968) de Philippe Sollers. A autora reporta, por exemplo, nada menos que uma representação pretensamente orgiaca da *comédia textual*, em performance do romancista Pierre Guyotat (censurado em seu país), realizada durante o mesmo Colóquio de Cerisy de 72, cujo lema – chinês – era “Por uma Revolução Cultural”:

It may not be irrelevant to note here that Guyotat’s talk at the colloquium held at Cerisy, June 29-July 9, 1972, on Artaud and Bataille – a talk meant to be “insupportable,” dealing as it did with masturbation and the rather specialized problems attendant thereupon, particularly when the other hand is occupied with the writing of an “orgiacal text” (“L’Autre Main branle”) – was remarkable mainly for its style.

Insistindo sobre o caráter de encenação do colóquio, acrescenta:

However, the risks and the nervousness were less apparent, at least to some of those present, than was a certain elegance of presentation. Perhaps the effect *Tel Quel* has had in persuading us of the importance of the text and the collective endeavor finally goes beyond any individual courage and any particular content, even when the group might wish it otherwise.¹⁶

*

“A noção de revolução cultural é, obviamente, muito sedutora para movimentos culturais e grupos que procuram articular arte com uma política revolucionária. Ela também explica, em parte, a explosão do maoísmo na França depois de 1966”. Patrick French¹⁷

¹⁴ Derrida diz preferir, hoje, a desconstrução no plural. Cf. Nascimento, Evando, “A máquina de guerra discursiva”. *Mais!Folha de S. Paulo*, 3 set. 2000. p. 30-31. Note-se a propósito da desconstrução no plural que, do mesmo modo, já no início de 69, Perrone-Moisés, bem instruída, alertava para a existência de não um mas “vários estruturalismos”. Cf. “Por uma poética estrutural”, *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 25 jan. 1969, p. 1. O mesmo ocorre em certa revista argentina, pouco depois: cf. Sázbón, J., “Qué es el estructuralismo”. *Los Libros* nº 6, dez. 1969, p. 20.

¹⁵ “Minha relação com a tradição é musical” (entrevista de 1983 concedida a Rodrigo Naves). *Metalinguagem e outras metas*, São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 261.

¹⁶ Caws, M. A., op. cit., p. 3 (ambas as citações).

¹⁷ *The time of theory. A History of Tel Quel (1960-1983)*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 10.

¹⁸ Barthes, R. "Texte (théorie du)". *Encyclopædia Universalis*, tome XV, 1973, p. 997. Em *Oeuvres complètes*: vol. II. Paris: Seuil, 1994, p. 1679-80.

¹⁹ "A floração das revistas" (seção *Letras Francesas*). *Suplemento Literário/O Estado de S. Paulo*, 23 de maio de 1970, p. 1. Barthes reaparece em abismo em *Poétique* nº 47, uma década depois, quando morre, através de Derrida, em "Les morts de Roland Barthes" (conferência de 1980, publicada em 81), que cito na versão espanhola: "(...) en *Poétique*, sería preciso subrayar ahora el inmenso papel que jugó y que continuará jugando la obra de Barthes en el campo abierto de la literatura y la teoría literaria (es legítimo, es preciso hacerlo y lo hago)". *Las muertes de Roland Barthes*, México: Taurus, 1998, p. 72.

*

Ao abrir a edição da primavera de 1973 da revista *Diacritics* – seguida por, entre outros jovens escritores, Geoffrey Hartman, Edward Said e o próprio Jacques Derrida –, Caws aponta para o conceito em moda entre os intelectuais naquele momento de voga telqueliana: o conceito de texto, visto como revolucionário, mas em pouco tempo vitimado pela própria inflação. Questão de crença: desde o início o trabalho da revista *Tel Quel* se debruça sobre uma prática do texto – e a autora procura explicar no artigo, com a ajuda de Pleyner, por que o termo supostamente neutro de "texto", em detrimento de obra, por exemplo. O que equivale a dizer que se detém sobre uma virtual infinidade de possibilidades de significação, tendo a revista, no entanto, levado seus preceitos a princípio antirreligiosos a um fanatismo digno dos mais cegos fiéis, adeptos da seita dos "textualistas", que conheceu fama e sucesso efêmeros, cooptou, agitou, deixou discípulos em novos periódicos e logo desapareceu por completo (arrisco dizer) vitimada por suas próprias e indisfarçáveis tendências teleológicas.

*

Postula-se, com o problema do texto, o fim das fronteiras entre crítica e ficção: teoria e escritura são completamente identificadas, em função da dimensão teórica da escritura (segundo sua nova acepção), por um lado, e da recusa de uma abordagem puramente instrumental de sua linguagem, por outro. Como é sabido, a noção de texto é capital tanto quanto "anticapitalista" para o seu programa, ao incluir em si não somente o ensaio e a crítica, mas "tudo o que até hoje era o discurso intelectual e inclusive científico".¹⁸

Em "Texte (théorie du)", Roland Barthes demonstra em primeiro lugar o que não é um texto para a "nova crítica": "C'est la surface phénoménale de l'œuvre littéraire; c'est le tissu des mots engagés dans l'œuvre et agencés de façon à imposer un sens stable et autant que possible unique". O texto possui importância fundamental para o Ocidente – "la civilization du signe" – por significar estabilidade e permanência, e também a "legalidade da letra", que forneceria ao autor o completo domínio sobre a unidade cerrada e definitiva da obra:

La notion de texte est donc liée historiquement à tout un monde d'institutions: droit, Église, littérature, enseignement; le texte est un objet moral: c'est l'écrit en tant qu'il participe au contrat social; il assujettit, exige qu'on l'observe et le respecte, mais en échange il marque le langage d'un attribut inestimable (qu'il ne possède pas par essence): la sécurité.

*

"O primeiro número de *Poétique* começa com um artigo de título sugestivo e oportuno: 'Par où commencer?' e seu autor tem aí uma presença carregada de conotações. Roland Barthes, o grande inspirador das teorias de *Tel Quel*, presente em *Change* com seu texto sobre a moda, batiza agora a recém-nascida *Poétique*. O número também termina com Barthes, pois sua última página é uma publicidade de *S/Z*. O nome de Barthes parece ser um traço de união, um terreno de entendimento onde todos se encontram e se reconhecem". Leyla Perrone-Moisés¹⁹

*

Em algumas linhas de um trabalho anti-enciclopédico destinado a uma enciclopédia, Barthes resume o ideário de uma época, com duas referências teórico-filosóficas maiores, o materialismo dialético e a psicanálise. Este ideário tem uma particular receptividade na América Latina, através de alguns personagens de culturas em trânsito, aqui implicados: Héctor Schmucler estuda na França com Barthes, retorna em 69, e funda *Los Libros*, onde ao menos em parte se formam Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, os quais assumem depois a direção da revista. Perrone-Moisés e Santiago, nesse período, estão indo e/ou voltando das universidades francesas – com o detalhe importante de que o segundo passa a década de 60 entre a França e os Estados Unidos.²⁰ Todos vivem e contribuem com intensidade para o que se chamou de uma “mutação epistemológica” concreta, na busca utópica deste objeto novo, o texto, que se caracterizava por colocar em questão a sua própria enunciação:

Celle-ci [la mutation épistémologique] commence lorsque les acquêts de la linguistique et de la sémiologie sont délibérément placés (relativisés: détruits-reconstruits) dans un nouveau champ de référence, essentiellement défini par l’intercommunication de deux *épistèmes* différents: le matérialisme dialectique et la psychanalyse. La référence matérialiste-dialectique (Marx, Engels, Lénine, Mao) et la référence freudienne (Freud, Lacan), voilà ce qui permet, à coup sûr, de repérer les tenants de la nouvelle théorie du texte. Pour qu’il y ait science nouvelle, il ne suffit pas en effet que la science ancienne s’approfondisse ou s’étende (ce qui se produit lorsqu’on passe de la linguistique de la phrase à la sémiotique de l’œuvre); il faut qu’il y ait rencontre d’*épistèmes* différents, voire ordinairement ignorantes les unes des autres (c’est le cas du marxisme, du freudisme et du structuralisme), et que cette rencontre produise un objet nouveau (il ne s’agit plus de l’approche nouvelle d’un objet ancien); c’est en l’occurrence cet objet nouveau que l’on appelle *texte*.²¹

É importante lembrar que, neste texto dedicado a uma pedagogia do texto (e nele também apareceria o nome de Mao), Barthes destaca amplamente o trabalho de Julia Kristeva – uma das “antenas” de *Tel Quel* –, que definiria os seus seis conceitos teóricos fundamentais:

pratiques signifiantes (“la notion de pratique signifiante restitue au langage son énergie active”), *productivité* (“une production où se rejoignent le producteur du texte et son lecteur: le texte “travaille”, à chaque moment et de quelque côté qu’on le prenne; même écrit (fixé), il n’arrête pas de travailler, d’entretenir un processus de production”), *signifiante* (“la signifiante est un *procès*, au cours duquel le ‘sujet’ du texte, échappant à la logique de l’*ego-cogito* et s’engageant dans d’autres logiques (celle du signifiant et celle de la contradiction), se débat avec le sens et se déconstruit (‘se perd’)”); *phéno-texte* (“le phéno-texte peut [...], sans qu’il y ait incohérence, relever d’une théorie du signe et de la communication: il est en somme l’objet privilégié de la sémiologie”) e *géno-texte* (“c’est un domaine hétérogène: à la fois verbal et pulsionnel

²⁰ Também Haroldo de Campos, que foi um precoce *globe-trotter* concreto.

²¹ Barthes, R. “Texte (théorie du)”, *Oeuvres complètes*, t. II, p. 1679.

²² Idem, ib., p. 1680.

²³ Kristeva, Julia, "La productivité dite texte", *Sémiotiké. Recherches pour une sémanalyse*, Paris: Seuil, 1969, p. 183.

²⁴ Para Schmucler, em entrevista ao autor, o que tinham era "una soberbia infinita".

²⁵ A tradução da Editora Seix Barral, de Barcelona, feita por Salvador Oliva, Narcís Comadira e Dolores Oller, aparece já em 1971.

²⁶ Ffrench, P. e Lack, R.-F., *The Tel Quel Reader*, London/New York: Routledge, 1998. Apesar dos nomes "suspeitos", trata-se de dois dedicados pesquisadores, em grande parte responsáveis pela sobrevivência do telquelismo em língua inglesa hoje. Patrick Ffrench é autor de *The time of theory*, uma variante inglesa e menos laudatória da mesma história contada por Forest em *Histoire de Tel Quel*. Ambas foram publicadas em 95, ano da realização dos "Colloques de Londres et de Paris" sobre o tema "De *Tel Quel* à *L'Infini*. L'avant-garde et après", cuja antologia foi coordenada precisamente por Forest, na parte francesa, e Ffrench, na inglesa (Nantes: Pleins Feux, 1999).

(c'est le domaine 'où les signes sont investis par les pulsions')"; *intertextualité* ("épistémologiquement, le concept d'intertexte est ce qui apporte à la théorie du texte le volume de la socialité: c'est tout le langage, antérieur et contemporain, qui vient au texte, non selon la voie d'une filiation repérable, d'une imitation volontaire, mais selon celle d'une dissémination – image qui assure au texte le statut, non d'une *reproduction*, mais d'une *productivité*").²²

Para Kristeva, a exilada búlgara, e para o grupo *Tel Quel*, trata-se de um momento de transição da dualidade (do signo) à produtividade (trans-signo), anunciada a partir do final do século XIX, com Mallarmé, Lautréamont, Nietzsche e Marx (o último em um nível particularmente determinante, a seu ver).²³ No comentário barthesiano ao "geno-texto" em *Texte (théorie du)*, ressurgiu a idéia de transição: a passagem da estrutura à "estruturacão", à "estruturalidade da estrutura" (nos termos de Derrida), vai reaparecer com ênfase, já que o grupo se situava na vanguarda, ou melhor, disputava de maneira voluntariosa o espaço à frente do cenário intelectual, de maneira deliberadamente violenta e estridente, sobretudo na voz de seu editor-fundador – por sinal, a figura mais visível e menos importante do grupo, considerando a opinião de alguns de seus principais leitores latino-americanos.²⁴

Não era essa, então, a aposta de Roland Barthes, na *Universalis* em 1973, ao fazer referência à melhor linhagem de escritores modernos: "de Lautréamont à Philippe Sollers"; ou em *Sollers écrivain*, de 79. Nem de Foucault – ao menos em "Distance, aspect, origine", abrindo a *Théorie d'ensemble* – nem de Derrida – em *La Dissémination*, de 72.

*

Os debates da hora indicam, ao menos aparentemente, uma guinada de um marxismo-leninismo "ortodoxo", apesar da mixagem com o freudismo, a um presente (isto é, "em torno de 70") engajamento acrítico à *maolatria*, segundo diziam os franceses, plenamente assumida a partir das "Posições do Movimento de Junho de 1971", que deixou mortos e feridos: em meio a uma grande discussão via revistas e jornais, do *Le Monde* a *La Nouvelle Critique* (do Partido Comunista Francês) a *Promesse*, Jean Ricardou e Jean Thibeaudeau deixam o grupo e, principalmente, dá-se o rompimento político de *Tel Quel* com Derrida, tido como mais um "dogmático-revisionista" ao apoiar a união da esquerda francesa contra não apenas o centro e a direita mas também contra o "perigo amarelo". Desse modo o grupo da revista retorna ao que havia criticado, e na verdade se encontrava apenas reprimido, no movimento surrealista dos anos 30: um certo excesso de crédito em um regime totalitário com atrativos estéticos e propagandísticos irresistíveis durante certo espaço-tempo.

*

Ao contrário de hispano-falantes, que são leitores extremamente precoces da *Teoría de conjunto*,²⁵ a "massa" de leitores de língua inglesa teria de esperar até o final da década de 90, quando se faz publicar *The Tel Quel Reader*, incluindo textos teóricos (a grande maioria) que permaneciam espantosamente inéditos na língua hoje hegemônica, segundo os organizadores, Ffrench e Lack.²⁶ Indicadores como estes são insuficientes para medir o seu verdadeiro impacto em um ou outro lugar e, no entanto, servem para mani-

festar tempo e intensidade de interesse em um ou outro mercado editorial. Mas, enquanto a psicanálise lacaniana, por exemplo, vai surgir na Espanha por intermédio de psicanalistas argentinos no exílio durante a última ditadura militar – cumprindo um *esquisito* itinerário –, o telquelismo rapidamente esteve à disposição de hispanos desde a Catalunha.

*

Ao mesmo tempo dedicada e desconfiada em relação àqueles que se apresentam como “à la fois un groupe, une revue, une collection”, Mary Ann Caws descobre com a ajuda de Henri Meschonnic (nos *Cahiers du Chemin*, em abril de 72) que a epistemologia deste “materialismo semântico-semiótico” é falha e que o recentemente assumido engajamento da revista resulta no que chama de “repetitive sloganism”, cujo vocabulário expressa um “emotional manicheanism”: quem não for maoísta, será revisionista dogmático, conforme se pode ler entre um e outro parêntese de Caws, momento em que toca nas grandes feridas telquelianas, da sua “mistificação tautológica” – “satirized as a ‘metalinguistic process linked to the emission of a neo-pseudo-intra-linguistic-referent’ – à megalômana homologia “texte/Sollers”, pretextada a partir da construção de uma sua China.

*

Tel Quel, pressupondo-se sempre pós-estruturalista, condena o movimento estruturalista enquanto a-histórico, embora faça da China “a dream of exotic science, a mistaken and idealized interpretation of a distant phenomenon”, conforme Meschonnic reportado por Caws, a qual, conforme se disse, responde de maneira crítica e por outro lado se confessa aderente ao jogo de auto-exame que impregna o colóquio de que participou, assim como o próprio ar do tempo (“The present essay concerns itself with *Tel Quel* at the moment of this writing”; “This objection [on an idealized China] seems far less answerable to me, but that no doubt betrays my aesthetico/liberal/capitalist viewpoint”).²⁷

*

Versão *esquerda* da operação (defendida, aliás, por seu próprio timoneiro): a revista *Tel Quel* responde desde sua fundação a uma demanda da indústria cultural francesa no pós-guerra. É fruto de uma aposta de uma editora, du Seuil, que vê perspectiva clara de lucro em um certo nome e em um certo grupo de escritores emergentes, a fim de disputar novos nichos de mercado com as vizinhas e concorrentes parisienses Minuit e Gallimard.²⁸ Trocando em miúdos: a editora é a “burguesia” e a nova revista recebe a procuração para se trajar com rigor vanguardeiro.

*

Nova intervenção crítica reportada por Caws provém da revista de Maurice Nadeau, *La Quinzaine Littéraire* de julho de 72, em artigo de Jean Chesneaux, “De Mao aux Maos”, no qual a palavra “movimento”, a exemplo do Movimento de Junho de 1971, é referida em chinês a um movimento (“yundong”) de massas do qual os intelectuais recebem seu impulso inicial.

A pergunta é: pode esta direção ser invertida?

That particular question with the implied and obsessive sub-questions about the actual relationship between textual work and

²⁷ Idem, *ib.*, p. 4.

²⁸ “*Tel Quel*’s formation had an economic motive. The promise of Sollers’s *Une curieuse solitude* was ostensibly the reason why Seuil agreed to the formation of a literary review around Sollers, as a good investment. Seuil sought to establish a literary review of the same form and status as the *NRF*, from its own stable of writers. (...) the formation of the review is not initially determined by any kind of will to innovate or to create a new literary movement. In terms of the review’s orientation and the history of ideas, it is an accident”. Cf. French, P., *The time of theory*, p. 46-7.

²⁹ Caws, M. A., op. cit., p. 4.

³⁰ No calor da hora, o editor de *La Quinzaine* faz sua leitura ponderada do telquelismo em expansão. Cf. "Tel Quel". *Le roman français depuis la guerre*, Nantes: LePasseur, 1992 (1ª ed. Gallimard, 1970), pp. 170 e 174 (grifos meus).

revolution of classes was the persistent undercurrent for much of the Cerisy meeting in both its formal manifestation, that is the transcribed papers and debates, and its informal and unrecorded political discussions, where a certain heat was generated along with certain ill-feelings, acknowledged and then recanted in standard auto-critical fashion.²⁹

*

"Sollers est moins 'révolutionnaire' qu'il ne le paraît et, là encore, il ne fait qu'aménager des positions depuis longtemps conquises. Son effort de synthèse n'en est pas moins brillant, d'autant qu'il a tiré profit, chemin faisant, du travail des linguistes, des sémiologistes, des structuralistes et qu'exploitant intelligemment ses sources, il y trouve les arguments décisifs à l'appui de sa thèse: peu importe qu'on appelle roman, poème ou essai l'ensemble de signes que trace un écrivain, peu importe même l'homme qui les produit et peu importe son 'oeuvre'; ce qui compte c'est le texte.

"Il faut attendre qu'ils [les écrivains de *Tel Quel*] soient admis par des cercles plus larges de critiques et de lecteurs, avant de s'aventurer à porter quelque appréciation que ce soit sur des productions dont le sens et le but n'apparaissent point à la lecture des textes eux-mêmes. Peut-être s'apercevra-t-on alors que les limites du roman – oeuvre de fiction, en prose, qui possède en elle-même sa propre signification – sont en effet largement transgressées, au profit d'un genre – ou d'un non-genre – qu'actuellement on ne peut désigner que par le terme vague et labile de 'texte'. À quelles lois de production obéiront ces textes? Quelles fonctions seront-ils appelés à remplir? Toute réponse à ces questions ne peut s'appuyer aujourd'hui que sur des théories, c'est-à-dire des déclarations d'intentions".
Maurice Nadeau³⁰

*

Versão *direita* da operação: o telquelismo é uma chaga crítico-teórica disseminada a partir dos anos 60 que atinge seu êxtase e seu paroxismo no início dos 70.

*

E, no entanto, um trabalho cooperativo, como pretende ser o telqueliano, deveria estar situado no outro lado das relações de propriedade definidas, tradicionalmente, pelas idéias de autoria e de indivíduo, entendidas como o foram no calor do *texto* e da *trans* ou *intertextualidade*, através de uma crença ingênua em seu jogo surrealista de "engendramento e destruição mútuos". A escritura plural do *scriptor* devida a Roland Barthes, assim como a Isidore Ducasse ou a Julia Kristeva, em suas traduções chinesas, em nome de um pensamento coletivo, conforme blefa o indivíduo, o autor por trás da *Théorie d'ensemble*, ao deixar-se entrevistar por Jacques Henric, nos termos de Caws:

Any staking of personal claims, any delimiting of the origin of ideas is held to be a concession to market value. Within the continuing dialectical process, the text always open and unfinished is the property of all

and the result of a productivity including in itself its annihilation. At the other pole from the tendency to linearity and unequivocal speech characteristic of bourgeois ideologies stands the plurivocality of this constantly renewed *Théorie d'ensemble*, literally a theory developed together, in which the group or the set provides a body of texts, each acting on the others, and in which all are directed toward a transformative end: "a text has the exact value of its action in integrating and destroying other texts" (*Théorie*, p. 75).

³¹ Caws, M. A., op. cit., p. 4-5 (as duas últimas citações).

³² *Théorie d'ensemble*, op. cit., p. 72.

*

Tel Quel acredita que a necessária interreferencialidade não pode ser uma representação de uma autoridade mas o sinal de uma situação anônima de protesto coletivo, de vontade de revolução e produto de um claro posicionamento político com finalidade abertamente transgressiva contra os pesados códigos de propriedade social ou lingüística. A fórmula básica é transgressão com autocrítica permanentes, conforme este relato americano de viagem à França, em seu último e agônico reduto vanguardista: "Corresponding to the desired intertextuality (...), the following discussion is intended as the 'intersection of several codes' (*Semiotiké*) rather than the explicitation at length of any one of them".³¹

*

"*Théorie* doit être pris ici, dans le sens que lui donne, de façon décisive, Althusser: c'est 'une forme spécifique de la pratique'". Philippe Sollers³²

*

De qualquer modo, coexistiriam em todo coquetel telqueliano ao menos os seguintes elementos, conforme levantados por Caws: o formalismo e o futurismo russos, uma fundamental filosofia das desconstruções – em especial as noções de *trace*, *espacement* e *différance* –, a homologia escritura/revolução. Mais do que os ensaios inaugurais da *Théorie d'ensemble*, de Foucault e de Barthes, "La *différance*" e Derrida, que os sucedem no volume, marcam o foco do desejo de transgressão manifestado por *Tel Quel*. É um pensamento que pretende se superpor e, simultaneamente, se opor às estruturas sincrônicas, estáticas e a-históricas da maioria dos pensadores cientificistas rotulados de estruturalistas. O passo além vai consistir na fusão, entre outras coisas, do conceito de texto com o de transformação (de outros textos), que também significaria processo, produtividade, diferença.

*

Glossário:

"A interpretação, para Derrida, consiste em 'tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos-textos'. É assim que em 'La Pharmacie de Platon', Derrida trabalha o texto platônico. A interpretação é um tipo de leitura que supletiva um texto, no momento em que, penetrando no seu corpo, desconstrói-o e revela aquilo que estava recalcado.

"A filosofia da presença é posta em questão na crítica nietzschiana da metafísica. O conceito de *jogo* propõe o aleatório, abalando o centro (origem e fim). Sem centro, o texto é uma estrutura que deve ser pensada na sua estruturalidade, e essa natureza dinâmica é que possibilitará a polissemia.

³³ *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 51. "Trabalho realizado [em 1974] pelo Departamento de Letras da PUC/RJ. Supervisão geral de Silvano Santiago".

³⁴ Cf. Dosse, F. *História do Estruturalismo*, vol. II, op. cit., p. 187.

"Se o texto se apresenta como enigma, o desfazer da sua trama, isto é, a interpretação, se constituirá de movimentos de leitura sucessivos, e o deciframento do texto se efetivará por um sistema interpretativo próprio".³³

*

Quintuplicando a média de comercialização de *Tel Quel*, a edição dedicada à China (nº 59, outono de 1974) vendeu vinte e cinco mil exemplares.³⁴

*

Uma teoria para uma nova história e um novo homem significa a criação de códigos próprios: – Se existe intenção da consumação do ato produtor de uma escrita que é uma *arquiescritura*, escreve-se a partir de um discurso material porque ele é, ou existe... – A cópia desta teoria desconstrutiva da escritura poderia ser levada ao *infinito* a partir de suas próprias idéias-força – a começar pela idéia de revolução permanente –, uma vez que se trata de combater diferentes tipos de "pares imperiais", quer no campo da cultura, quer no da política, no da ciência ou no da filosofia, sob diferentes formas de "imperialismos": o império da fala sobre a escrita, de deus sobre o diabo, da idéia sobre a matéria, da alma sobre o corpo, da forma sobre o informe, do sujeito sobre o objeto, e assim por diante. É, portanto, necessário ajudar a combater o humanismo, a dissolver o logocentrismo, apagar todas as suas luzes. Como se sabe, as armas – pesadas – da teoria que tomam por base partes do pensamento de Marx e de Freud e promovem um encontro entre Dante, Nietzsche, Sade, Lautréamont, Mallarmé. Armas pesadas para lidar com uma equívoca produtividade sem dono. Sua teoria do texto define-se por esta fórmula. Mais precisamente, para o grupo *Tel Quel*, o texto não representa um significado que o excede, assim como não existe um sujeito transcendente que o imponha ou um autor que o traduza. Na base de seu pensamento "monumental" – englobando, conforme o subtítulo de sua revista, primeiro apenas "literatura" e "ciência", depois, "literatura", "filosofia", "ciência", "política" – aparece, é claro, o pensamento marxiano e o que se imaginava ser o espaço de liberação representado pela luta de classes, e o pensamento freudiano, a linguagem do inconsciente em novo ataque à razão ocidental.

Urge promover um descentramento radical da linearidade, subverter os protocolos de circulação cultural do sistema, segundo o vocabulário da época, em nome de uma textualidade que se situaria antes da oposição animal/homem, natureza/cultura, e seria encarada como o golpe de morte do etnocentrismo – uma vez que está em seu ponto zero, em um espaço material que é comum a todas escrituras em sua infinita diferença, ou seja, em um campo que anuncia a própria noção de *entrelugar*: a exemplo de Oswald de Andrade, Silvano Santiago também vai descobrir a América em Paris – com a diferença de que a França já se mudara para a América do Norte.

Fosse onde fosse, a meta final era nada menos que uma nova história, um novo homem, cujo valor não se mediria por seu capital significativo, ao contrário: a contra-utopia deste discurso político de vanguarda, "monumental" e múltiplo, se encontra em uma tríplice revolução, econômica, social e simbólica, na tentativa de resolver a dicotomia literatura/revolução, quando ainda eram levadas em conta estas miúdas e binárias verdades. Mas, para investigar as obsessões teóricas *telquelianas* – e de seus avatares na

América do Sul – é necessário esboçar (transcrever? reescrever? plagiar?) a teoria de uma teoria que chegará a ser identificada com o demônio, quando ela pretendia ser simplesmente demoníaca, além de excessiva. O comando da teoria, em expressão do estudo de Marx-Scouras (título de um de seus capítulos), começa por não se confundir com a abstração, nem se opor ao concreto, conforme se lê em entrevista de um teórico conhecido pelo refinamento e o caráter camaleônico, sempre parasítico de si mesmo – conforme, também, os seus pares paulistas, cariocas ou portenhos. Entre o legível e o ilegível, entre a vanguarda e a instituição, Roland Barthes afirma que o comentário de *Sarrasine* de Balzac “foi tanto a análise de um texto como, segundo meu entender, uma teoria do texto, do texto clássico, do texto legível”. Ficam aí desde logo bem explícitas as distâncias a se tomar, e a direção das convulsões ideológicas imaginadas:

Contre cela, j’imaginerais très bien, et même je souhaiterais que des discours, évidemment nouveaux, assument un certain discontinu, une certaine nature fragmentaire de l’exposition, analogues presque à des énonciations de type aphoristique ou poétique et que ces discours puissent constituer un discours fondamentalement théorique. Je pense d’ailleurs que ce discours théorique, qui romprait avec les habitudes rhétoriques du savoir, est en train de se chercher ici et là; par exemple dans certains livres de Lévi-Strauss, dans les *Mythologiques*; je pense aussi que l’énonciation de Jacques Lacan doit être comprise comme un effort de rupture par rapport au continu et au filé, au suivi de l’écriture théorique en général. (...) Maintenant, quant à définir ce qu’est la théorie, très près de moi, ou moi étant très près d’elle, Julia Kristeva l’a fait avec beaucoup d’insistance dans son livre *Séméiotikè*, qui est précisément un livre de théorie.³⁵

Sabemos que esta teoria tem um caráter paradoxal, que trabalha freqüentemente contra si própria, no que segue a prática psicanalítica e escritural de Jacques Lacan. Um infinitamente cambiante Sollers, já na década de 80, diria em novo tom: “Quant à la signification du mot *théorie*, on sait qu’il s’agit aussi d’une ambassade, d’une procession, d’une fête”.³⁶

*

Deve-se procurar saber, por outro lado – se é questão de estar entre e em clima de revolução permanente –, por que Bertolt Brecht aparece na capa de um obscuro livro argentino dos anos 70 sobre a revista *Tel Quel*, sendo mencionado apenas uma vez e *en passant* em um de seus textos.³⁷ Parece se tratar de um daqueles verdadeiros enigmas bibliográficos: há poucas coisas demonstráveis aí, e justamente por isso talvez possam resultar elucidativas. Uma solução óbvia poderia utilizar o motivo da guerrilha travada durante toda a década. Uma solução, uma resposta oblíqua – uma entre tantas – poderia estar no mesmo Barthes, que abre a coletânea precisamente com “Sur la théorie” (apesar da omissão do título), entrevista concedida em 1970:

La teoría es aquí un discurso esencialmente científico. No es sólo un discurso abstracto, generalizado o fundador, sino – y ésta es su marca distintiva – un discurso que se vuelve sobre sí, un lenguaje que se vuelve sobre sí. (...) En efecto, es un discurso que se

³⁵ Barthes, R., op. cit., p. 13-14.

³⁶ Introdução a *Théorie des exceptions*. Paris: Gallimard, 1986.

³⁷ Trata-se de um pequeno e singular volume intitulado *Literatura, política y cambio*, publicado na Argentina por Ediciones Caldén (1976), na coleção “El hombre y su mundo” dirigida por um colaborador dos primeiros anos de *Los Libros*, Oscar del Barco, e inteiramente devotado ao *telquelismo*. Alguns detalhes fazem desta edição uma estranha colcha de retalhos, de qualquer forma reveladora do modo (provavelmente) mais caótico de recepção de *Tel Quel* na América do Sul. Na capa lêem-se quatro sobrenomes: Barthes, Sollers, Henric, Guyotat; na página de rosto desaparece o nome de Barthes. A tradução está assinada por Alberto Drazul, e o prólogo por J. M. L. Em seguida, há uma entrevista com Barthes, outra com Sollers, um artigo conhecido deste, “Le réflexe de réduction”, uma entrevista do comunista telqueliano Henric, outra do escritor telqueliano Pierre Guyotat, e a partir da página 80 uma série de apêndices: o “Programa” de Sollers; algumas páginas de “Tesis generales” anônimas; outra entrevista de Sollers; as respostas de *Tel Quel* à *Nouvelle Critique*; e, finalmente, outro ensaio de Sollers, “La escritura, función de transformación social”. Nas duas páginas finais aparecem as “Notas bibliográficas”, as quais denunciam que “o volume foi preparado cinco anos antes de sua publicação”. A primeira nota diz que *Tel Quel* “fue fundada en 1960 y [grifo meu] hasta la fecha han aparecido 46 números” – sendo que o nº 46 data de 1971. As demais três notas apenas biografam Guyotat, Henric e Sollers, com o detalhe de que Barthes só aparece nelas enquanto comentarista destes.

³⁸ *Literatura, política, cambio*, op. cit., p. 15. Nas *Oeuvres complètes*, tomo II, p. 1032.

³⁹ Cf. Caws, M. A., op. cit., pp. 5-6.

⁴⁰ Caws, M. A., op. cit., p. 8 (todas citações do fragmento).

observa a sí mismo en una suerte de autocrítica permanente. Por otra parte, es probable que se busque para destruirse. Pero no se destruye de inmediato y esta especie de prórroga produce la teoría.³⁸

*

O jogo telqueliano consiste em trabalhar na linguagem e com a linguagem, já que, conforme o provérbio maoísta, “desde que você se dirige a alguém, está fazendo propaganda” (e este é, no fundo, um enunciado revelador de resíduos fascistas, sobretudo pensando na geléia estético-política que tal jogo vai gerar). Sendo menos maoístas do que pensam, e muito freudianos, na realidade trabalhariam com o texto enquanto instância inseparável do próprio corpo, das funções corporais, da masturbação e a excreção ao amor e à morte. Um resultado do coquetel proposto pelos teóricos da conjunção é, por exemplo, a idéia de *mécriture*, devida a Denis Roche (*Tel Quel* nº 46, 1971), em nome de uma ruptura geral, textual e política, decididamente contrária ao dogma de uma estrutura central, ruptura que promoveria ao lado de Sollers ou Pleynet em ficções que se querem descontínuas, dispersas, deslizantes, quando não díspares e mesmo ilegíveis.³⁹

*

Não satisfeitos em ser três, grupo/revista/coleção, almejarão ser “convulsão” – quando, textualistas, nada mais foram que lugar então comum. “The textual revolution disrupts individual choice and tasteful limits, prevents artistic closure, and breaks through the ordered system of language by the disarticulation and infraction of civil and linguistic codes”, segundo Caws lendo um texto de *Logiques*. Sua conclusão é a um tempo iluminadora e abrumadora, por trazer de volta a *Gramatologia*, “un texte qui [selon Sollers dans “Le reflète de reduction”] éclaire ces dernières années et les modifie radicalement”; *Gramatologia* cuja lógica paradoxal a operação telqueliana reclama ao romper e rompe ao reclamar, diante – hélas! – de um agora “idealista” Derrida. Conclusão ainda mais iluminadora e abrumadora por finalmente invocar a noção de *brisure*, “a discourse made articulate in its constant discontinuity” e por concluir de modo fielmente autocrítico:

Yet it is clear that meta-commentary such as this about such texts cannot be either revolutionary or non-revolutionary, cannot actually embody rupture in spite of its obviously fragmented vision, nor articulation, in spite of its attempt at the relation of opposed texts. It turns, like *Tel Quel* itself, only about its own image, remaining its own fiction.⁴⁰

*

O voluntarismo costuma ser venenoso e não seria diferente com os devotados telquelianos ao idealizarem, acima de tudo, o conceito de escritura – que pretendiam desconstruir – enquanto ferramenta simultaneamente política e estética. A escritura enquanto função da transformação social, conforme texto homônimo do editor da *Téoria de conjunto*; a escritura enquanto sinônimo de revolução – dogma e antidogma; a escritura enquanto arma na tarefa urgente, premente de revolucionarização, entendendo a expressão não como aquilo a que não se chega, mas como aquilo que não se chega a entender: o efêmero que se crê eterno.

*

“Como lutar por mudanças revolucionárias numa sociedade tão convencional e tão covarde quanto a francesa? Não será certamente através de um modo de pensar, também convencional e covarde, cuja tônica é o medo de incorrer em pecado público passível de não ser perdoado pelos novos papas da política. Não ponham os pés na Exposição Colonial. Não se muda a opinião de um indivíduo, de uma pessoa dentro de um grupo, não se muda o modo de pensar e agir de um grupo, só porque alguém, por mais inteligente que seja, tenha resolvido cair fora do grupo por motivações nem sempre muito claras, e lá de fora, pela força da sua vontade e não a do seu desejo, queira convencer os antigos companheiros a acompanhá-lo pelo novo caminho da salvação”. *Antonin Artaud*⁴¹

*

Contrariamente ao que pensa o crítico argentino de *Tel Quel* pós-*Tel Quel*, a ideologia da revista francesa vende o desejo de responder com rigor retórico e teórico a Maio de 68 através de sua *Teoria de conjunto*, que, lembrando Lenin – “não há movimento revolucionário sem teoria revolucionária” –, surge ao lado de um *Groupement d'études théoriques* (GET). Por quê? A resposta é de seu porta-voz:

Pour ne pas sombrer dans l'impuissance du spontanéisme, pour ne pas s'enliser dans les revendications médiocres du réformisme, il convient de se donner à soi-même les armes intellectuelles nécessaires au combat. Dans le champ propre où elle agit, chaque avant-garde doit remplir cette mission.⁴²

Eis o telquelismo oficial pela voz de seu historiador oficial em sua história – *Histoire de Tel Quel* – oficial. A ênfase na militância teórica suscitou ataques de todos os lados, de cientificistas a anticientificistas: o meio literário reclamaria mais poesia e menos ciência em *Tel Quel*; o meio científico, da lingüística à matemática (caso se desse ao trabalho de pedir algo) lhe pediria menos ciência e mais poesia. Não obstante, Sollers sonha com a “subversão generalizada”, sendo alguém que, segundo a versão obediente de Forest, não passaria de um incompreendido:

Non pas: la littérature au service de la théorie (comme presque tout le monde semble l'avoir cru de *Tel Quel*) mais très exactement le contraire. Les sciences du langage, la philosophie, la psychanalyse aidant à dégager un tissu de fiction à proprement parler *infini*.⁴³

Enunciá-lo *a posteriori* (no prefácio de 80), porém, é o que se poderia chamar de conversa fiada: vivem-se a esta altura os estertores da revista, já que o telquelismo triunfante como que evaporou. O negócio da hora é partir rumo ao infinito recôndito (e confortável) da literatura que já deixara de se pretender *escritura*. Mas naquele momento essa *escritura* – mitificada – é o lugar da transgressão à filosofia e às ciências humanas. – Não somos cientificistas ou teoricistas porque jogamos com a teoria em nome da literatura, com nossa habitual virulência retórica, em nome de um terrorismo característico de uma pós-vanguarda, uma vanguarda pós-moderna.

⁴¹ Santiago, S., *Viagem ao México*, Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 65-6.

⁴² Forest, P., op. cit., p. 299.

⁴³ Idem, p. 299 (grifo meu). Trata-se de citação do prefácio de Sollers à edição de 1980 de *Théorie d'ensemble*.

⁴⁴ Idem, p. 301 (grifo meu).

⁴⁵ "Division de l'ensemble", *Théorie d'ensemble*, op. cit., p. 12. Não há assinatura, apenas a data.

⁴⁶ Forest, P., op. cit., p. 302.

A fim de servir ao seu modelo, Forest trata de jogar o grupo para as margens, recusa-lhe a posição hegemônica, pretendendo minimizar-lhe a influência, ao mesmo tempo que reconhece seu período áureo e seu declínio:

Aucun document ne m'a permis d'établir qu'*au temps du telquelisme triomphant* les éditeurs aient cessé d'éditer ou les facultés d'enseigner: malgré Barthes ou Derrida, on continua d'étudier Racine et Rousseau à la Sorbonne; malgré Sollers, on ne renonça pas à attribuer les prix Goncourt ou Femina; malgré Pleynet ou Roche, l'émouvant chant des poètes ne cessa pas; étrangement, les travaux de Kristeva n'incitèrent pas Gallimard ou Grasset à refuser la littérature naturaliste dont l'édition fait ses choux gras.⁴⁴

Duas observações: Barthes e Derrida nunca deixaram de difundir o prazer dos textos ditos clássicos; com o fim da revista em 1982-3 – há muito encerrado o sonho de vanguarda telqueliano – , Sollers muda-se para a editora Gallimard onde, de um posto privilegiado, lança *O Infinito* – este velho conhecido.

*

Il faut ajouter qu'un travail aussi marginal et aussi risqué – dont le *Groupe d'études théoriques* formé par *Tel Quel* est la matérialisation sociale – n'aurait pas été pensable sans une réalité anonyme à l'oeuvre entre quelques individus dont toute l'ambition est de disparaître le plus possible dans les transferts d'énergie provoqués par la poursuite d'une pratique sans repos et sans garanties. Pour l'instant, voici où en est l'expérience: nous la laissons se formuler seule, d'un plan à un autre, d'un fond à un autre fond, avec la nécessité mais aussi la chance toujours suspendue d'un jeu. *Octobre 1968*.⁴⁵

Assim termina a divisão do conjunto, feita por Sollers, de quem Forest é devoto: marginalidade e anonimato, mitos rapidamente destruídos.

Como de hábito, o biógrafo oficial do grupo se deslumbra com a "extraordinária" defasagem entre meios mobilizados e o "fantástico" barulho provocado pela empresa telqueliana. Ora, de carona no pensamento inovador (para o bem ou o mal) de ninguém mais ou menos que Derrida (que, por sua vez, parasita os textos de Sollers em proveito próprio) e Barthes, além de Foucault, Lacan e Althusser, ao abrigo de uma sólida instituição do vasto mercado persa dos livros franceses, a *entelqueléquia* só poderia atrair e prosperar: virou moda e saco de pancadas, sucesso mundano e "problématique littéraire centrale". Ser ou não ser hegemônico, o biógrafo do grupo ainda teria a coragem de perguntar. Logo ele, Forest, o homem que leva a "operação" ao salão de beleza, com um romantismo que deveria soar estranho, mas acaba calhando no conjunto:

La beauté de l'opération se situe bien là: ne disposant que d'un soutien logistique limité, ne s'autorisant que d'elle-même, une parole s'impose qui, par sa seule force, apparaît à chacun comme une intolérable agression, une imminente menace. "Terrorisme" paradoxal qui ne connaît d'autre arme que les mots.⁴⁶

Que a *Teoria de conjunto* seja um manifesto coletivo não há que negar: duas dúzias de ensaios esparsos, publicados nas revistas *Critique* ou *La Nouvelle Critique* ou nas atas do colóquio de Cluny. Com ênfase às intervenções de Sollers, Kristeva, Baudry e Pleynet, à parte a santíssima trindade. O estruturalismo já cumpriu seu dever. A nova ruptura está por vir, através de uma nova visão do mundo feita de uma mescla de artes e discursos a qual se chamaria “telquelisme”, segundo os círculos intelectuais franceses progressistas de Paris, cuja visão pedagógica e pós-romântica do poder da literatura informa como mirar a sua própria (teoria) crítica da literatura.

Seria o caso de dizer que Forest me confirma delatando-se, ao empregar o verbo convocar: “A cette fin, un certain nombre de références immédiatement contemporaines sont également convoquées: Foucault, Barthes et Derrida; mais également, de manière plus discrète, Althusser et Lacan”.⁴⁷ A ambiciosa aposta do momento, repita-se, é: como unir o marxismo, a psicanálise, a lingüística, a literatura e o maoísmo (ainda reprimido) contra a vasta burguesia – “táticas para enfrentar a invasão neoliberal”, diriam, como diria mais tarde Pierre Bourdieu.

*

Célebres pelos modos afetadamente irados, os telquelianos são em seu *momento* – quer dizer, antes de sua paradigmática desaparecimento – tão provocadores quanto alvo de violentos ataques, em que seu vanguardismo cientificista é sempre posto em questão. Entretanto, repita-se, estão ou estiveram a seu lado os pensadores mais inovadores da filosofia e da literatura dos anos 60. O que não os exime de nenhum crime, ao contrário. É justamente ancorados em pressupostos teóricos ricos ao extremo e sempre desafiadores, permanecendo ao mesmo tempo afirmativos e negativos, que os telquelianos vão estabelecer sua reputação através de um voluntarismo capaz de tudo, oscilando entre a biblioteca e a rua de maneira ambígua, indecidindo-se sobre seu próprio lugar de enunciação, cujo desfecho sob a forma do “infinito” em revista não se cumpre como se cumpria sob outra denominação.

Afinal, não é verdade que *Tel Quel* não era tal qual, e que *L’Infini* não é o infinito?

*

O que é, o que há em um nome? “Mettre en question le nom de nom”, lê-se ao fim de “La différence”.⁴⁸ O nome é o nome do pai e sua disseminação tem o vezo de um parricídio afirmativo. Mas o que fazer com um *ismo*? Um *ismo* é um nome elevado à enésima potência, um nome dilacerado portanto, um nome que pretende estar em todo lugar e pode simplesmente não ter pertencimento. Tal qual a vertente em vista: no início do “momento” do periódico francês – o decênio cujo exato intervalo corresponde a 1970, quando a história parece fazer um *looping* –, seu corpo mutante abandona em definitivo a fidelidade a Valéry e à Literatura Francesa. *Tel Quel* segue sendo *Tel Quel* mas já poderia levar outro nome, por não ser mais tal qual 1960 no plano dos valores culturais e político-ideológicos. *Great divide*, a mutação fica carimbada de fato nas sucessivas mudanças de razão intelectual da sólida empresa “du Seuil”: a partir de 67, em que reivindica, isto é, aparenta uma identidade fortemente demarcada, “Science/Littérature”; a partir de 70, com a grande explosão: “Littérature/Philosophie/Science/Politique”; sendo que apenas nos estertores, 1978-9, surgem as três letras de *Art* (sempre com maiúscula), que no fundo e na superfície estive-

⁴⁷ Idem, p. 304. Embora tanto Lacan quanto Althusser jamais tenham publicado na revista de Sollers.

⁴⁸ *Théorie d’ensemble*, op. cit., p. 68.

⁴⁹ A poética verbivocovisual não nacional diante do espelho: "There are various interpretations of the name 'Sollers' given by the writer himself: 'tout entier intact' (from *H* (Paris, 1973, II) is the Latin definition, 'possessed entirely of an art, hence, skilful, clever, adroit' (*Cassell's Latin Dictionary*). It is also 'le surnom d'Ulysse' (also *H*, II). It is linked to the Greek 'holos', thus to 'holocauste', 'sacrifice sans reste' (interview with Sollers by author) and to 'hologramme', suggesting a writing 'en trois dimensions' (voice-image-text)". Cf. ffrench, P. *The time of theory*, op. cit., p. 45 (nota 1).

ram desde o início (em 60) apenas a *Tel Quel*, vale dizer, a Felipe Sóarte, seu todo-poderoso eterno-infinito diretor – em tradução bem literal ao bom português do pseudônimo que se auto-outorgara, gloriosa e estudadamente, Philippe Joyaux (Bordeaux, 1936): *Sollers*, de *sollus*, com dois 'l', e *ars*, e era só, segundo só uma das várias versões.⁴⁹

*

Na visão dos talvez últimos promotores do telquelismo no universo – os responsáveis por *The Tel Quel Reader*, se houve um grupo com esse nome, ele deve necessariamente incluir os nomes de Barthes, em primeiríssimo lugar, bem como os de Guy Scarpetta, Jean-Joseph Goux, Pierre Guyotat, Maurice Roche e Severo Sarduy – o escritor cubano anticastrista que se exilou em Paris e seria apadrinhado por ninguém senão Barthes (as descrições do período, quase sem exceção, começam e terminam neste nome).

O grande golpe publicitário do mercado das letras novas, com um slogan que poderia ter sido "por uma crítica teórica da prática do texto", consistiu em reunir, já em 1968, uma constelação de *star-names* (a expressão é de inteira responsabilidade dos autores do *Reader*) como Foucault e Derrida, em apropriações um tanto indébitas. *Tel Quel* deu lugar a uma estratégia política, teórica e literária, cuja retórica oscilaria entre a transgressão e a transcendência, conforme concluiriam mais recentemente ffrench e Lack, e conforme anteviam, mais próximos no tempo, seus leitores latino-americanos.

*

Philippe Sollers justifica-se, naturalmente que em proveito próprio, a propósito do "gigantesco erro" do maoísmo. Declarou a Bernard Henry-Lévy, em "As aventuras da liberdade" (o documentário de 1990 sobre os intelectuais franceses), que a China terrorista, "por mais chocante que pareça, liquidará nossas últimas ligações stalinistas". Ele vai mais longe, como é de seu feitio: os ex-maoístas, em sua opinião, deveriam receber homenagens "por tentar reinventar a democracia na França", ou seja, por liquidar com a lei do silêncio imposta pelos Partidos Comunistas oficiais, abrindo uma "fissura no ponto mais sensível desse fenômeno", visto e vivido enquanto uma enorme e terrível sombra.

A esta altura, o entrevistador é levado a reconhecer que surge, em torno de *Tel Quel*, uma "nova maneira de pensar".

*

Sabe-se, porém, que o telquelismo não franqueia certas fronteiras – a não ser a *posteriori*, com suas figuras já classificadas, quer dizer, *desclassificadas*, caso dos Estados Unidos. Kristeva é a exceção, informam ffrench & Lack, mas seu trabalho se separa de *Tel Quel* ao ser vertido ao inglês; exemplo disso é a exclusão de seu importante ensaio sobre Sollers, "L'engendrement de la formule", de qualquer compilação kristeviana existente na língua do *Tel Quel Reader*, do mesmo modo que a produção literária dos membros do comitê de redação da revista, ao contrário de outros satélites telquelianos:

This situation is more markedly the case when it comes to the fiction and poetry produced by the group. While there is a singular lack of translated fiction or poetry by, say, Pleynet, Roche, Sollers and Baudry, the English-speaking reader can access translations of Maurice

Roche, Pierre Guyotat and Severo Sarduy, all writers for whom *Tel Quel* was a decisive influence, who published in the review and were at various times grouped with *Tel Quel* at conferences, but who were not part of the committee itself. *Tel Quel's* influence is relayed via its periphery.⁵⁰

*

A última nota do prólogo de J. M. L. (?) relativa a *Literatura, política y cambio* – texto este que é um decalque caricato dos mandamentos do telquelismo – propõe mais uma lista de figuras-chave às outras tantas lidas nestes fragmentos. De modo especialmente interessado, diria-se que não é uma relação qualquer: “Dijimos Marx, Freud, Nietzsche, Sade, Mallarmé, Lautréamont, Derrida, *Tel Quel*; podemos decir Lenin, Mariátegui, Borges”.

*

Seria preciso perguntar, por consequência, de que modo os telquelianos lêem o “texto” Jorge Luis Borges, e não apenas como os latino-americanos o fazem.⁵¹ A utopia cultural e política, que torna o contradiscurso referido muito datado, define suas propostas de abolição de qualquer limite – propostas revistas depois, ao mesmo tempo que os vanguardistas encontram, de um modo ou de outro, seu lugar nas diferentes instituições – do meio acadêmico ao meio editorial. – Não há mais críticos, anunciaram, apenas escritores – uma vez que “*la seule pratique que fonde la théorie du texte est le texte lui-même*” (com grifo, no original). A consequência é evidente, segundo Barthes: “si un auteur est amené à parler d’un texte passé, ce ne peut être alors qu’en produisant lui-même un nouveau texte (en entrant dans la prolifération *indifférenciée* de l’intertexte)”. E não só: “de par ses principes mêmes, la théorie du texte ne peut produire que des théoriciens ou des praticiens (des écrivains), mais nullement des “spécialistes” (critiques ou professeurs); comme pratique, elle participe donc elle-même à la subversion des genres qu’elle étudie comme théorie”.⁵²

Mas qual seria o novo lugar – de que mapa se estaria falando – já que os câmbios de posição no período são quase frenéticos: o apoio à revolução, mais exatamente à revolução cultural da chamada “nova China”, cessa em 1975-6.⁵³ É o lugar utópico, “paradisiáco”, em que haveria apenas textos. No entanto, tamanha utopia não é vista enquanto tal, quer dizer, enquanto algo inatingível. Pelo contrário, a exigência teórica ligada a uma situação histórica e política bem definida levava então o nome de Mao Tsé-tung – aquela *enorme tartaruga mole*, na descrição televisiva feita, mais tarde e confortavelmente, por Sollers.

Nesse sentido, Borges seria outro monstro, outro “Mao”.

*

Nunca indiferentes às metáforas de tipo zoológico da fisionomia, Jorge Luis Borges e Stéphane Mallarmé são escritores atingidos na retina pela página de um livro que é também a página em branco. Borges possui a condição peculiar de ser o cego que melhor lê e de ser o cego que, além disso, apregoa a superioridade da leitura. O maior clichê mallarmaico repete e volta a repetir que o mundo acaba na página de um livro, o que não torna a sua figura menos ambígua no interior da célula político-cultural francesa que – autodenominada vanguarda revolucionária – dizia como as coisas devem ou têm de ser, o que supõe, se sabe, subjetividades fortes.

⁵⁰ French, P. e Lack, R. F. *The Tel Quel Reader*, op. cit., p. 243-44.

⁵¹ Quanto ao “autor” Borges, trata-se de um dos dois únicos argentinos a publicar na revista. O outro é o poeta Roberto Juarroz.

⁵² Barthes, R., “Texte (théorie du)”, op. cit., p. 1000.

⁵³ V. Marx-Scouras, D., op. cit., p. 180.

⁵⁴ Agamben, G., *Homo sacer. El potere sovrano e la nuda vita*, Torino: Einaudi, 1995.

⁵⁵ Irwin, J., "Lacan con Borges", *Descartes* n° 15-16. Buenos Aires, jul. 1997. O texto é parte do livro *Mystery to a solution*. Baltimore, Hopkins University Press, s. d.

⁵⁶ Barthes, R., "Texte (théorie du)", op. cit., p. 1000.

A relação entre estes dois nomes tem a ver com o status que a revista *Tel Quel* conferia a Mallarmé, e tem a ver com o status que a revista *Los Libros* conferia a Jorge Luis Borges – ambas figuras *incluídas exclusivamente, homo sacer* que são (conforme o ensaio homônimo de Agamben)⁵⁴ nos respectivos grupos, ambos escritores mais ou menos reprimidos em seu interior. O escritor de *Ficciones* enquanto sombra esquiva e onipresente sobre a cidadela cada vez mais profundamente ideologizada de *Los Libros*, em sua busca de produção textual aliada à confrontação ideológica, à moda (e à diferença) da teoria crítica telqueliana. O poeta de *Un coup de dés* enquanto problemático e cauteloso duplo do *scriptor* nos termos de *Tel Quel*, cujos colóquios se deram em nome do Marquês de Sade ou do Conde de Lautréamont (o que tem a ver certamente com sua dívida, e sua dissidência, com o surrealismo) mas não de Stéphane Mallarmé.

*

Esta digressão deflagra e exige uma nova digressão, na direção de uma teoria do sujeito telqueliano, que antes de mais nada é um sujeito lacaniano, que com "Função e campo da fala e da linguagem" (1958), provoca efeitos sabidamente avassaladores, da psicanálise à lingüística, à crítica e à literatura.

A teoria do sujeito segundo *Tel Quel* postula o seu oposto, quer dizer, coloca-se em confronto com a noção de sujeito nos moldes do pensamento ocidental: o sujeito enquanto vazio, enquanto variável, conforme as bases lançadas por Lacan, que, segundo John Irwin, leu de modo especial (isto é, via Edgar Allan Poe) a ficção de Jorge Luis Borges,⁵⁵ que, por sua vez – e talvez *malgré lui* –, se encontra na base de toda a filosofia desconstrutiva. Como afirmara de modo didático Barthes, era imperioso subverter e mesmo abolir a separação dos gêneros literários e dar ao leitor o seu lugar de destaque: o sujeito está cindido na teoria do texto barthesiana, tanto quanto na *escritura* e na *leitura* borgianas:

Si la théorie du texte tend à abolir la séparation des genres et des arts, c'est parce qu'elle ne considère plus les œuvres comme de simples "messages", ou même des "énoncés" (c'est-à-dire des produits finis, dont le destin serait clos une fois qu'ils auraient été émis), mais comme des productions perpétuelles, des *énonciations*, à travers lesquelles le sujet continue à se débattre; ce sujet est celui de l'auteur sans doute, mais aussi *celui du lecteur*. La théorie du texte amène donc la promotion d'un nouvel objet épistémologique: la *lecture* (objet à peu près dédaigné par toute la critique classique, qui s'est intéressée essentiellement soit à la personne de l'auteur, soit aux règles de fabrication de l'ouvrage et qui n'a jamais conçu que très médiocrement le lecteur, dont le lien à l'œuvre, pensait-on, était de simple *projection*). Non seulement la théorie du texte élargit à l'infini les libertés de la lecture (autorisant à lire l'œuvre passée avec un regard entièrement moderne, en sorte qu'il est licite de lire, par exemple, l'*Oedipe* de Sophocle en y reversant l'*Oedipe* de Freud, ou Flaubert à *partir* de Proust), mais encore elle insiste beaucoup sur l'équivalence (productive) de l'écriture et de la lecture.⁵⁶

Este sujeito que desaparece sob o significante – à maneira do autor "mortificado" segundo Foucault ou o próprio Barthes –

ocupa, por isso, um *entrelugar* nos significantes do Outro. Lacan, comentando a Carta 52 de Freud no *Seminário 11*, vai situar o lugar do Outro “no intervalo entre percepção e consciência”.⁵⁷ A radical ex-centricidade do sujeito para ele mesmo, no dizer de Lacan, implica no fato de que a relação do sujeito com o Outro, no que diz respeito ao significante, “dá-se sob a forma da alienação, da subordinação do sujeito ao campo do Outro. Mas se o estatuto do sujeito é o da falta em ser, ele derivará na cadeia significante segundo o vetor do desejo, e nenhum significante poderá esgotá-lo, dizer o que ele é”.⁵⁸ Convém observar, no entanto, que este é o pensamento de Lacan nos anos 60, extremamente influente, o qual – uma vez que trabalha sempre contra si mesmo – vai se modificar em seu último período, durante os anos 70, deixando de dar primazia ao grande Outro, falando de sua inexistência e insistindo que o que há, na verdade, é “um”.

Porém, o sujeito que é falta, o sujeito que *treme* – no dizer de César Aira em seu ensaio sobre Alejandra Pizarnik⁵⁹ – é aquele do chamado Lacan “clássico”, sofregamente consumido por *Tel Quel*, em que o “eu” se constitui na linguagem. Como trata de entender Aira (e, sobretudo, este seu leitor):

En realidad toda su teoría se basa, si es que he entendido bien, en que la constitución del Sujeto se hace en la lengua, y no hay un sujeto “verdadero” anterior a lo simbólico, como no sea en el campo del mito. Luego, Lacan habla de la “coincidencia imposible” del Yo con la palabra “yo”. El sujeto del enunciado es una máscara, infinitamente variada, del sujeto de la enunciación. Ese infinito tiende de modo asintótico a la coincidencia de Yo y “yo”, sin llegar nunca a ella. Todo esto lo ejemplifica con un sueño de Freud, o mejor dicho con la frase con que Freud comenta la aparición en un sueño de su padre, muerto años atrás: “Él no sabía que estaba muerto”. El que lo sabía era el soñador, el hijo, que aparece como sujeto de la frase en lo absurdo de ésta. Según Lacan, aquí el sujeto “tiembla”. Creo que esta pequeña parábola demuestra que la salida del sujeto simbólico o lingüístico no está atrás, en un supuesto sujeto “real” refugiado en la Vida o la Naturaleza, sino adelante, en los *cul de sac* poéticos de la lengua.

Pode-se afirmar, portanto, que os *cul de sac* poéticos da língua chamam-se, em última instância, Borges, Mallarmé, isto é, os escritores segundo os preceitos fundamentais do grupo *Tel Quel*, em seu determinante mas indeterminável entrelugar.

*

Pode-se, não obstante, insistir com Lacan e sua leitura da tragédia de Antígona. Pode-se então perguntar pela situação dos sujeitos implicados no entrelugar do discurso latino-americano – e a partir daí pensar nas protohistórias de Silviano Santiago ou de Ricardo Piglia (que chegam, digamos, a 1980): até que ponto conseguem franquear um limite – limite, por sinal, autoproclamado – como o faz Antígona na zona fronteira do “entre-deux-morts”?⁶⁰ Sua imagem seria a da paixão, que na América Latina, em torno de 1970, se transforma em paixão revolucionária e, particularmente em *Los Libros*, em uma sensação reprimida do abandono do Pai, seja ele Borges ou Perón: eis sua tragédia.

⁵⁷ Cf. Nahas Riaviz, Vanessa, *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Florianópolis, UFSC, 1998, p. 150; e Lacan, J., *Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988, p. 48.

⁵⁸ Nahas Riaviz, V., op. cit., p. 154.

⁵⁹ Aira, C., *Alejandra Pizarnik*, Rosario: Beatriz Viterbo, 1998, p. 60.

⁶⁰ Lacan, J., “L'éclat d'Antigone” (1960), *Le Séminaire. Livre VII*, Paris: Seuil, 1986, p. 317.

⁶¹ Entrevista ao autor.

⁶² Hora, R. e Trimboli, J. (org.), *Pensar la Argentina – Los historiadores hablan de historia y política*, Buenos Aires: Ediciones El Cielo Por Asalto, 1994, pp. 162-196 (citação pp. 168-9).

*
“¡Tel Quel! Nosotros estábamos muy atentos a las posiciones de *Tel quel* porque en *Tel Quel* había una combinación de estructuralismo, maoísmo, crítica literaria, psicoanálisis, que era un poco el clima intelectual común que en Buenos Aires tenía una fuerza muy grande. Incluso yo estuve en un proyecto para traducir *Tel Quel* en Buenos Aires, con Jorge Álvarez, que era el director con quien yo publiqué mi primer libro [*La invasión*, 1967]. Conseguimos los derechos para traducir *Tel Quel* en Buenos Aires, cosa que ya se estaba haciendo con *Communications*, la revista de *Communications* que se publicaba en Buenos Aires. Entonces estábamos en el proceso, yo incluso preparé algunos números y después cesó, creo que vino el golpe militar, no sé qué pasó y no se hizo. O sea, que la relación con *Tel Quel* no era una relación personal pero una relación con una vanguardia que nos interesaba, ¿no?” Ricardo Piglia⁶¹

*
O telquelismo latino-americano constitui, sem dúvida, uma vertente absolutamente difusa. Sua face mais óbvia seria cubana e dissidente em Paris, através da figura do escritor Severo Sarduy, cuja relação com Barthes e o universo intelectual francês é bem conhecida. Investigá-la onde ela aparentemente não se situa, contudo, parece ser tão produtivo e desafiador quanto uma análise da escritura crítico-ficcional barroca de Sarduy. A revista argentina *Los Libros* (1969-76), de Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia, deve ser abordada em perspectiva similar, buscando ler tanto a primeira etapa, em que a presença francesa se faz avassaladora (o que não é bom nem ruim em si), quanto a segunda – que reage raivosamente ao estruturalismo, mas não consegue se desfazer totalmente dele, e foi menos enfocada pela crítica.

*
Telquelismo latino-americano significa e não significa *Loslibrismo*. A propósito, *Los Libros* não estaria mais próxima de *Change*, a principal dissidência de *Tel Quel*? Seu contato tupiniquim imediato era ninguém senão o poeta Haroldo de Campos. Na Argentina poderia estar um tradutor (abortado) de *Tel Quel*, Ricardo Piglia, inclusive por seu rechaço de Derrida.

*
“El día que llega la revista *Tel Quel* a Buenos Aires con los poemas de Mao escritos en chino y la foto de Kristeva, Roland Barthes y Phillippe Sollers en la Plaza Roja de Pekín, me dije: bueno, efectivamente, esto es así, la revolución cultural china y las vanguardias francesas pueden coincidir en la página de un libro. Y como ya se sabe que el mundo existe para coincidir en la página de un libro, el teorema quedaba demostrado. Cosas así hoy parecen casi extravagantes, pero entonces eran casi un lugar común”. Beatriz Sarlo⁶²

*

Diante de um *ismo*, tudo apenas parece mais simples: a expressão *telquelismo latino-americano* chega a ser uma contradição em termos (em termos), ao menos do lado europeu. Examinando a coleção da revista em sua longa trajetória (1960-83), encontram-se enes alusões à China e quase zero, por exemplo, ao Chile; há Borges, Sarduy, um poema, *vertical* e isolado, de Juarroz, e um único ensaio brasileiro (na verdade franco-lusitano-brasileiro) de Perrone-Moisés, intitulado "Pessoa *personne*?" (*Tel Quel* nº 60, hiver 1974). O que leva a pensar, de acordo com Gilman, que os fenômenos do latino-americanismo e do *boom* significaram séria ameaça para *nouveaux romanciers, critiques et philosophes telqueliens*.⁶³

Do lado de cá, a incidência é assaz evidente. Não, claro, a revista francesa no seu primeiro momento, estreitamente ligada ao *nouveau roman* e declaradamente apolítica – o que queria dizer, engajada até o último fio de cabelo contra o engajamento sartriano. Nem aquela da queda para o alto, quando o grupo de maoístas frustrados se americaniza de forma espe(ta)cular.

*

Mas, o que foi feito do *telquelismo meia-oito*? E da *Teoria de Conjunto* do mesmo ano, vale dizer, de *Drame, H, Nombres e Logiques*? E da vanguarda "textual" do encontro de Kristeva, autora de *Sémiotiké*, com um onipresente Barthes? E o que dizer do seu momento de maior influência, o momento do "terrorismo teórico", altamente eficiente aliás? Como referido antes, saem edições em italiano da revista, e ninguém menos que o contista de *La invasión* esboça seu projeto de tradução na Argentina, que nunca se concretizou, mas chegou a ser iniciado, e até anunciado nas páginas de *Los Libros* em 1969.

No entanto, e apesar desse fato, assim como "distância" é o primeiro termo do primeiro ensaio – ensaio de Foucault – da antologia de Sollers, parece mais correto falar de distância no sentido lato de tomada de distância, a fim de verificar como se distanciam, tanto quanto se aproximam, os "bárbaros" da "civilização", no marco ambivalente de um certo entrelugar.

*

As chamadas patrulhas ideológicas andavam à solta também na Argentina dos anos 70, conforme é fácil verificar nas páginas de *Los Libros*: o diretor da revista gasta boa parte de seus editoriais para se justificar e explicitar seu modo de adesão a determinadas tendências intelectuais européias, sua compreensão dos "modelos" importados, em outra variante da velha tensão entre bárbaros e franceses, civilização e barbárie, que na segunda metade do século XX passa a confrontar "populistas" (identificados com o peronismo) e "cientificistas", em um espaço político de um esquerdismo generalizado e diluído, indo do liberalismo de Bioy Casares ao comunismo oligárquico de María Rosa Oliver, segundo Jorge Panesi, que sublinha o caráter de "inquisidores" dos críticos de *Los Libros*, bem à maneira de *Tel Quel*.⁶⁴ Vale notar ainda que José Sázbón aborda a "moda estruturalista" de forma bastante crítica nas edições de nº 2 e nº 6 da revista argentina, e Eliseo Verón discute o mesmo problema no nº 9, todos de um modo ou de outro em busca de saídas à institucionalização do estruturalismo. A *Théorie d'ensemble*, por exemplo, quer se colocar mais além não só de "estruturas" quanto de "formas", vale dizer, do "formalismo", em uma crítica do sistema burguês baseada simultaneamente em

⁶³ Gilman, C., *Entre el fusil y la palabra*, op. cit.

⁶⁴ Cf. Panesi, J., "La crítica argentina y el discurso de la dependencia", *Críticas*, Buenos Aires: Norma, 2000, p. 41.

⁶⁵ Lopes, D., *Nós os mortos. Melancolia e Neo-Barroco*, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999, p. 7 (3º fragmento).

⁶⁶ Sollers, P., *L'écriture et l'expérience des limites*, Paris: Seuil, 1967.

Freud, Marx, Derrida, Lautréamont e Mallarmé (segundo a lista de Forest), girando em torno de três eixos, propulsores da revolução: a escritura textual, a gramatologia e o materialismo.

*

Observe-se que um artigo derridiano aparece em *Los Libros – “Gramatología: ciencia de la escritura”*, de Ricardo Pochtar (jan. 1972) – no momento de transição em que se estabelecem com maior clareza as dissidências no interior do grupo, estimulado pelo clima de guerrilha generalizada.

*

Afinal, foi Derrida um telqueliano? Antes parece que o filósofo se utilizou (como sugerido antes) da refinadíssima frente popular textual, autodenominada revolucionária, a fim de inocular veneno, de parasitar seus trabalhos-objeto, para deles tomar distância em seguida.

*

“Em cada fragmento, o que interessa são as fricções, as intersecções, os encontros, os trânsitos entre espaços diferentes, entre linguagens distintas. Fico em trânsito, no entre, na passagem, entre mídias e saberes, entre lugares e poderes. É possível nunca estar em lugar algum, num não-lugar? Eterno adolescente? Apenas um testemunho sobre o estado das coisas. Uma voz. Não-artista. Não-cientista. Transesteta. Cronista de cultura contemporânea. Crítico escritor. Colecionador de fragmentos, citações”. Denilson Lopes⁶⁵

*

De tal modo que esta leitura da teoria crítica *made in France*, conforme o caráter fragmentário de seu discurso, passa pelas revistas ou periódicos literário-culturais, para fazer uma espécie de volta ao mundo, com uma longa escala na China da revolução cultural, à base de *dazibaos* e palavras de ordem disfarçadas de ideogramas: a China como “poema dialético”, conforme a mitologia construída por nossos bons franceses.

*

As práticas desta vanguarda “revolucionária” redundariam em necessária institucionalização, ao transitarem com rapidez da radicalização e da estridência em direção a algum tipo mais silencioso quanto inexorável de integração. Vale perguntar: como essa vanguarda abandona a idéia de unir a si – o artista, o *scriptor*, o poeta, aquele que *não é* – aquele que *não tem*, o proletário, para lembrar os termos com que Sollers conclui “Littérature et totalité” (1966), sobre Mallarmé.⁶⁶

WALKER EVANS DEAD
THE ROOMS EMPTY OUT
MANY THOUSANDS GONE
NO SURVIVORS UNSEASONABLE SPRING

WILLIAM CORBETT

